

AÇORES, 6 JUNHO 2035, CRÓNICA 263 JUNHO 2019

Acordei para mais um magnífico dia de sol sobre a ampla baía de Ponta Delgada cheia de cruzeiros de luxo. Em frente à marina as pessoas aguardavam a vez de embarcarem no metro para as praias (da costa sul, norte e oeste). A linha dos Mosteiros sempre atrasada e a abarrotar de gente. O investimento em infraestruturas ferroviárias fora desencadeado no fim da década anterior quando os Açores começaram a receber cerca de 3 milhões de turistas ao ano. Ao contrário do que sempre fora feito, não investiram em estradas para um trânsito, cada vez mais congestionado, e introduziram várias linhas de metro de superfície que se alargavam já a vastas áreas da ilha. Faltava a ligação Ribeira Grande – Nordeste e Nordeste – Povoação. Aqui, fora já instalado o primeiro de uma série de teleféricos turísticos para quem queria ir ao Pico da Vara observar o ancestral habitat natural do priolo, essa ave que se extinguiu subitamente com o aumento do influxo turístico em 2020. Estavam suspensos os projetos dos teleféricos nas Sete Cidades, Furnas, Povoação, Lagoa do Fogo, com os atuais cortes de fundos europeus sendo incerta a sua concretização.

Na marginal de Ponta Delgada, perto da antiga Calheta de Teive, pejada de hotéis e com o casino, havia agora um moderno heliporto que servia de base aos táxis aéreos (de drones sem condutor) que faziam viagens curtas até Vila Franca e à nova marina do ilhéu, enquanto mais adiante os táxis marítimos sem condutor, aguardavam os turistas que queriam observar a vida marinha ou ir a Santa Maria ver foguetões e visitar o Centro Espacial da Malbusca.

Na costa norte da ilha, como sempre aconteceu ao longo dos séculos, as coisas estavam muito atrasadas e apenas se disponibilizavam passeios pela costa, usando os antigos barcos de pesca de Rabo de Peixe, Porto Formoso e da Maia com os pescadores reformados a servirem de guia às grutas e praias escondidas da ilha.

A grande autoestrada marginal entre os Arrifes e a Achada ia prosseguindo com grandes atrasos, que a beira-mar era escarpada e não era fácil construir a estrada panorâmica na inclemente costa. A grande atração da capital da costa norte continuava a ser, desde há muitos anos, a das viagens de balão entre a cordilheira central e a Ribeira Grande, o roteiro das igrejas, os campeonatos de surf e as mariscadas ao pôr-do-sol.

Os planos para recuperar os moinhos da costa norte nunca avançaram, dadas as necessidades de apoio social à sempre crescente população da cidade satélite de Rabo de Peixe e suas infindas necessidades. A cidade crescera em todas as direções sendo uma linha contínua de habitações entre as Capelas e a Maia, meros subúrbios, dormitório da Ribeira Grande; à custa dos prados e demais explorações agrícolas absorvidas pelo cimento das casas.

O pequeno submergível que iria explorar os navios afundados junto à costa oeste e norte fora desviado pela tutela do turismo para a Lagoa e Vila Franca onde estava ocupado em viagens contínuas de exploração do fundo subaquático.

Pequenos hotéis de charme, ao lado de grandes resorts, polvilhavam as faixas de praia entre Água de Pau e Ponta Delgada riscando a paisagem em altura e desafiando as leis da gravidade, com as imponentes sombras a abaterem-se sobre os areais... grande parte dos quais era privada, privativos dessas unidades hoteleiras.

Diariamente, pequenos mas robustos navios, especialmente construídos para estes mares, faziam o interilhas, entre as nove ilhas, transportando massas de gente e viaturas e colocando enorme pressão nos recursos, há muito esgotados, das redes viárias das outras ilhas que nunca beneficiaram do afluxo turístico centrado em São Miguel, uma ilha que tinha agora mais de um milhão de habitantes. As pessoas faziam passeios até às

outras ilhas como quem vai ao zoológico da História, porque as tinham mantido os encantos urbanos do século XX, todas, Património da Humanidade.

O Aeroporto da Nordela vira a extensão duplicada sobre o mar e era um dos mais congestionados do país, mas sem transporte urbano entre o aeroporto e a cidade devido ao lóbi dos táxis que sempre se opuseram ao minibus.

O novo cais de cruzeiros em Santa Clara, com uma marina para grandes iates, fora uma aposta ganha dado que o velhinho Porto e as instalações das Portas do Mar há muito eram insuficientes para as dezenas de cruzeiros que todos os dias aportavam a Ponta Delgada. A ilha fervilhava de atividade embora o custo do metro quadrado fosse quase tão caro como em Malibu, Los Angeles, com a cidade estendendo-se às Capelas e aos limites urbanos da Ribeira Grande.

A cidade da Lagoa, que durante anos fora o dormitório da capital, já não tinha mais por onde crescer entalada entre a expansão de Vila Franca e a de Ponta Delgada, cheia de arranha-céus até ao Cabouco.

Os domos de antigos vulcões que dantes pintalgavam a paisagem de Ponta Delgada tinham sido substituídos por enormes construções em altura pagas a preço de ouro.

Os Açores eram a nova moda dos milionários de todo o mundo que construía casas de férias, jogavam golfe ou iam aos doze casinos espalhados pela ilha instalado nos museus vazios construídos no início do século XXI...

Nas Portas da Cidade um pequeno grupo de nonagenários anunciava a grande manifestação de 6 de junho para espanto dos turistas que traduziam RAA como República Autónoma dos Açores. Uma recente visita conjunta do primeiro-ministro da Escócia e do ministro dos estrangeiros das Canárias tinha resultado numa declaração de apoio às reivindicações independentistas açorianas, a contragosto do Representante da República, que fora um influente presidente regional durante muitos anos.

